

Darcy Ribeiro intérprete do Brasil

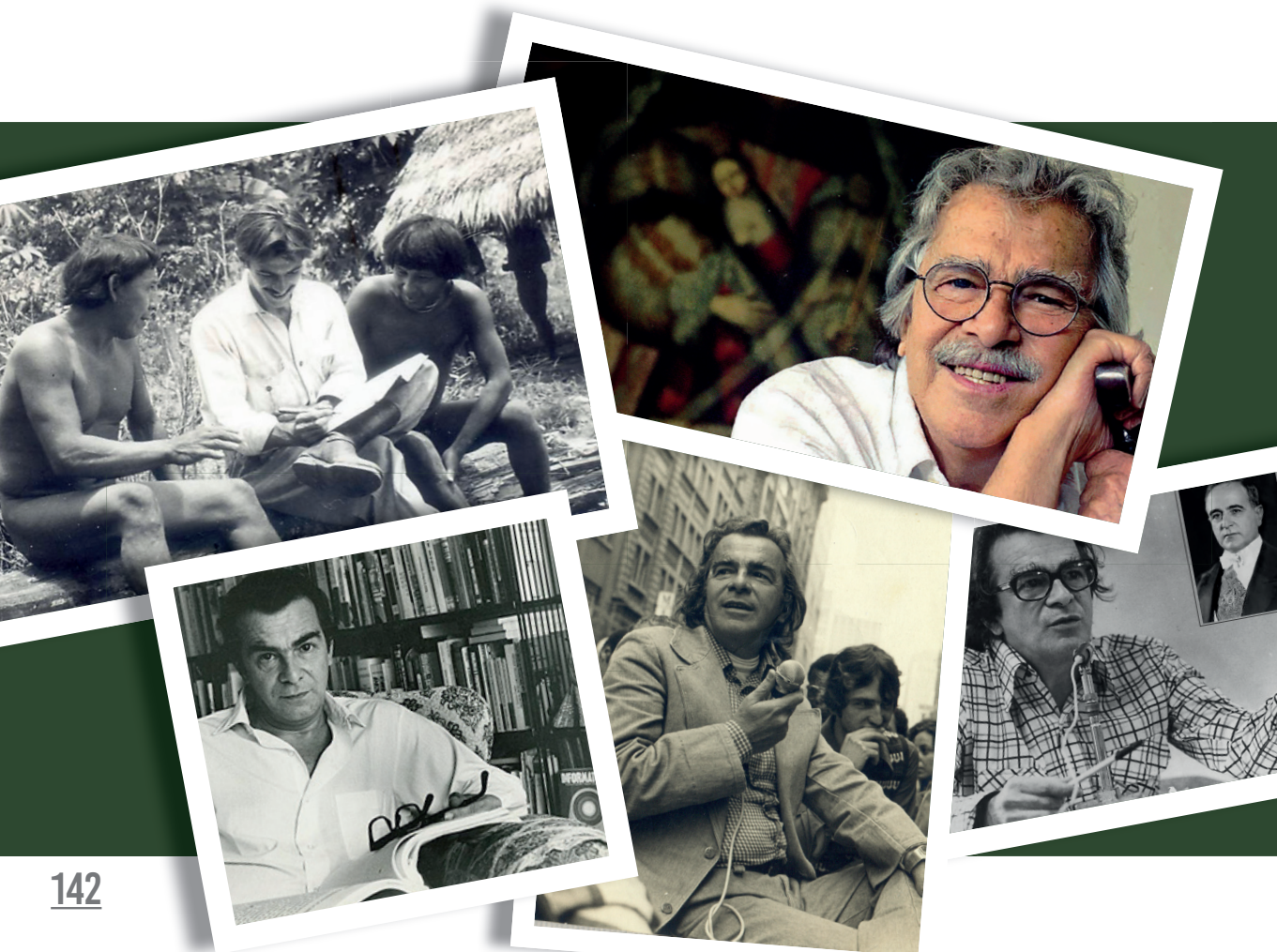
Percepção dualista sobre nossa formação social

Darcy Ribeiro interpreter of Brazil
Dualist perception about our social formation

THIAGO FERNANDES PEREIRA*

APARECIDA FAVORETO**

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2023.167.008>



RESUMO

Darcy Ribeiro destaca-se como um dos grandes intérpretes da formação sócio-histórica brasileira. Sua obra contribui para tecer explicações sobre o Brasil e o seu povo. Neste artigo, com base principalmente em seus livros *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* e *O Brasil como problema*, busca-se verificar os fundamentos teóricos e a especificidade das suas análises, tanto em relação ao contexto histórico como em relação a outros intérpretes da história brasileira. Nas interpretações de Darcy Ribeiro, destacamos uma percepção com duas abordagens distintas e ao mesmo tempo complementares, a qual se traduz na coexistência de duas leituras sobre o Brasil. Por um lado, apoiando-se em parte nas análises desenvolvidas por Gilberto Freyre, destaca o caráter rico e singular do povo brasileiro e põe em foco a questão étnico-cultural enquanto unidade cultural. De outro, em uma dimensão socioeconômica, ele destaca o caráter excludente e hostil da elite brasileira, que instituiu um projeto de divisão estrutural entre as classes sem qualquer compromisso com um projeto de desenvolvimento de caráter universalizante. Esse traço persiste como marca de uma sociedade forjada em contexto escravocrata. Por fim, ao apontar a estrutura do pensamento do autor e sua distinção em relação a outros intérpretes do Brasil, de modo diverso, busca-se contribuir com as reflexões sobre a produção historiográfica brasileira.

Palavras-chave: Darcy Ribeiro. Pensamento social. Intérpretes do Brasil.

ABSTRACT

Darcy Ribeiro stands out as one of the great interpreters of Brazil as a socio-historical formation. His work has contributed and still contributes to weaving explanations about Brazil and its people. In this article, based mainly on his books: *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* (the Brazilian people: development and meaning of Brazil) and *O Brasil como problema* (Brazil as a question), we seek to verify the theoretical foundations and the specificity of his analyses, both in relation to his historical context, as in relation to other interpreters of Brazilian history. In Darcy Ribeiro's interpretations, there is a perception built upon two distinct and at the same time complementary approaches, which reveals the coexistence, in his works, of two readings about Brazil. On the one hand, relying in part on the analyzes carried out by Gilberto Freyre, Ribeiro highlights the rich and unique character of the Brazilian people and brings into focus the sociocultural issue, as a cultural unit. On the other hand, in a political-economic dimension, he highlights the exclusive and hostile nature of the Brazilian elite, which, limited to its small group, instituted a project of structural division between classes unprovided of any kind of commitment in which concerns to a development project of a universal nature. Finally, by pointing out the structure of the author's thought and his distinction in relation to other Brazilian interpreters, we seek to contribute to new reflections on Brazilian historiographical production.

Keywords: Darcy Ribeiro. Social thought. Brazilian analysts.



1. INTRODUÇÃO

Darcy Ribeiro (1922-1997) foi um eminente intelectual e militante em diversas causas no Brasil da segunda metade do século XX. Teve destacada atuação como antropólogo, indigenista, sociólogo, educador e político, criando instituições e contribuindo para o desenvolvimento delas, bem como pensador e colaborador com importantes contribuições em diversos campos de conhecimento.

Nas suas obras, Darcy buscou desenvolver uma interpretação do Brasil de modo a tornar compreensível o que é o Brasil e o que são os brasileiros no final do século XX. Nesse sentido, discute a formação social brasileira em seus aspectos étnico-culturais e socioeconômicos.

Como observado por Curty, Malta e Vieira (2022), a importância de Darcy Ribeiro é crucial no sentido de que uma das contribuições do autor em sua reflexão sobre o Brasil, que constitui parte importante de sua obra, é a inclusão da questão étnico-racial no estudo do processo de nossa formação social.

Darcy Ribeiro — ao lado de Florestan Fernandes — é um dos primeiros autores a trazerem essa questão de forma crítica, enfatizando a escravidão como uma instituição produtora de desigualdades e disparidades — que necessitavam ser superadas —, ponto fundamental para pensar e compreender o processo de formação social do Brasil e seus respectivos dilemas.

O autor analisado neste artigo destaca-se como uma das figuras públicas mais emblemáticas do século XX no Brasil, seja pela importância e pela extensão de sua contribuição teórica e prática em diversos campos, como a antropologia, seja através de sua atuação como indigenista, na política, como ministro, secretário, vice-governador e senador, na educação, como formulador de ideias e propostas educacionais, e na sociologia, através de sua leitura de nossa formação social.

Passados mais de 25 anos de sua morte física, o legado de sua obra e suas realizações é fundamental quando se trata de vencer os desafios impostos à compreensão da nossa sociedade, ao nosso desenvolvimento e à superação das nossas desigualdades. Analisar as contribuições de Darcy Ribeiro constitui um exercício obrigatório para pensar o Brasil e seus desafios enquanto sociedade.

Apesar de não ser tão extensa se comparada à magnitude das contribuições deixadas pelo autor, a produção acadêmica desenvolvida recentemente sobre Darcy Ribeiro traz colaborações importantes para compreender as distintas maneiras pelas quais as reflexões do autor ajudam a entender o Brasil em suas diversas faces.

Dentre as teses acadêmicas, destacam-se as contribuições de Mattos (2007), que aborda a trajetória de Darcy, focando sobretudo as décadas de 1940 a 1980, período de sua atuação e produção como antropólogo, político e exilado, em que essas três dimensões se articulam de forma específica, e também a contribuição de Dorigão (2015), que aborda as propostas de desenvolvimento de universidades elaboradas por Darcy Ribeiro como parte de um projeto de desenvolvimento de educação e de país.

Em sua tese de livre-docência, posteriormente publicada em livro, Bomeny (2001) traz uma análise de Darcy Ribeiro como intelectual singular, que fugia ao estereótipo de mineiro, antropólogo e educador, desenvolvendo uma reflexão sobre as contribuições dele como político e educador.

Para o autor, culturalmente fomos capazes de desenvolver um povo novo e único, diferente de qualquer outra formação sociocultural até então existente, a partir da contribuição dos migrantes europeus desterritorializados, dos negros sequestrados e escravizados e dos indígenas desindianizados

Além dessas, destacam-se produções acadêmicas que abordam distintos aspectos das contribuições de Darcy Ribeiro, sobretudo os trabalhos de Adélia Miglievich Ribeiro sobre os projetos educacionais e de desenvolvimento nacional em perspectiva comparada na América Latina.

No ano passado, por ocasião do centenário de nascimento de Darcy Ribeiro, foram produzidos alguns dossiês com produções acadêmicas revisitando a importância das reflexões do autor para a compreensão de nossa sociedade. Dentre elas, destacam-se a edição especial da revista *Nossa América*, do Memorial da América Latina, e o dossiê temático da revista *Reorienta*, ambas lançadas em dezembro de 2022.

Neste artigo, além de nos apoiar em algumas das contribuições supracitadas, e partindo das análises já desenvolvidas sobre o autor, pretendemos discutir de forma mais específica o tema de caráter sociológico mobilizado por Darcy Ribeiro que foi sua análise a respeito do processo de formação social do Brasil e como, nessa trajetória, nos parece existir certo grau de ambiguidade na análise do autor.

A metodologia de pesquisa utilizada neste artigo foi constituída da análise histórica da obra de Darcy Ribeiro, por meio de pesquisa bibliográfica, buscando compreender as formas pelas quais o autor enxerga e analisa o processo de desenvolvimento das estruturas sociais e econômicas da sociedade brasileira. Serão utilizadas fontes primárias — obras de Darcy Ribeiro — e fontes secundárias — obras sobre Darcy Ribeiro.

Como observa Severino (2007), a realização de uma pesquisa bibliográfica caracteriza-se pelo uso dos registros disponíveis, sobretudo do registro de documentos acadêmicos como livros, artigos e teses, utilizando-se nela, também, as categorias teóricas dos autores já registradas por outros autores.

Este artigo pretende discutir a interpretação do Brasil desenvolvida por Darcy Ribeiro em seus livros *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil* e *O Brasil como problema*, destacando sobretudo dois enfoques principais pelos quais o autor analisa nosso processo de formação social: no primeiro, essencialmente étnico-cultural, o autor destaca o caráter rico e singular do Brasil enquanto unidade cultural; no segundo, de natureza essencialmente socioeconômica, ele analisa as mazelas e desigualdades igualmente presentes em nosso processo de formação social.

2. NOTAS INTRODUTÓRIAS SOBRE DARCY RIBEIRO

Como observado por Lobo (2022, p. 82), Darcy Ribeiro inicia sua trajetória como um sujeito disposto a pensar o Brasil na época em que era estudante da Escola Livre de Sociologia e Política, curso que concluiria em 1946. De acordo com o próprio autor, nessa escola ele recebeu influências marcantes em sua formação, que permaneceram por toda a sua vida.

Bomeny (2009) observa que o processo de formação acadêmica vivenciado na década de 1940 na USP possibilitou a Darcy aprender o valor da pesquisa social, bem como vivenciar uma combinação — que será decisiva em sua trajetória — da pesquisa de caráter acadêmico com a ação pública de caráter engajado.

Propomos analisar neste artigo as supracitadas produções bibliográficas de Darcy Ribeiro com um recorte específico da trajetória intelectual do autor, a saber, suas reflexões a respeito do processo de formação social do povo brasileiro a partir da observação de Bomeny (2009), para quem o autor precisa ser percebido como um intelectual dos anos 1950, forjado no contexto dessa década. Os fundamentos de seus questionamentos, de suas reflexões, foram gestados pela geração de intelectuais que naquela década postulavam não apenas compreender a sociedade, mas também contribuir para a transformação dela.

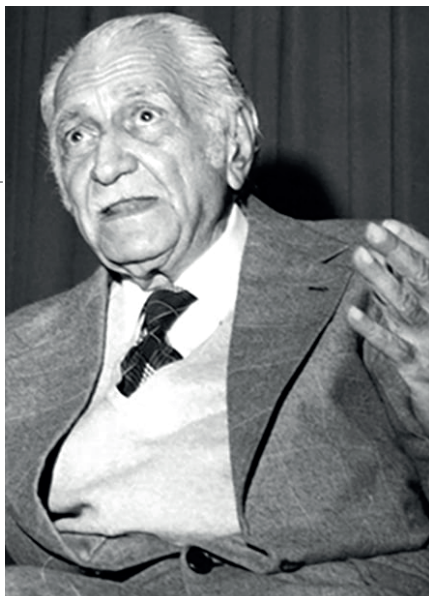
Como observa Bomeny (2003), a trajetória de Darcy Ribeiro pode ser considerada através da graduação ideológica das influências adquiridas e acolhidas pelo autor. Darcy Ribeiro, ao longo de sua trajetória, militou no Partido Comunista na década de 1940, e no final dos anos 1940 é apresentado ao marechal Rondon — o qual Darcy Ribeiro considerava um “mestre” —, que o contrata como etnólogo para o Serviço de Proteção ao Índio (SPI).

Na década de 1950, torna-se simpático ao getulismo, sobretudo por sua defesa do nacionalismo, substituindo sua filiação ao comunismo pela adesão ao trabalhismo. É nessa década que também conhece o outro “mestre” de sua vida, o professor Anísio Teixeira, de quem Darcy, de acordo com Bomeny (2001), herda a ligação com o liberalismo e a influência do escola-novismo e com quem trabalha em parceria na criação da UnB e no Ministério da Educação na década de 1960, até a eclosão do golpe civil-militar em 1964.

Após o retorno do exílio, no início da década de 1980, estreita suas ligações com Leonel Brizola, fortalecendo sua relação com o trabalhismo, sendo um dos fundadores do Partido Democrático Trabalhista (PDT), partido pelo qual foi eleito vice-governador e senador pelo estado do Rio de Janeiro.

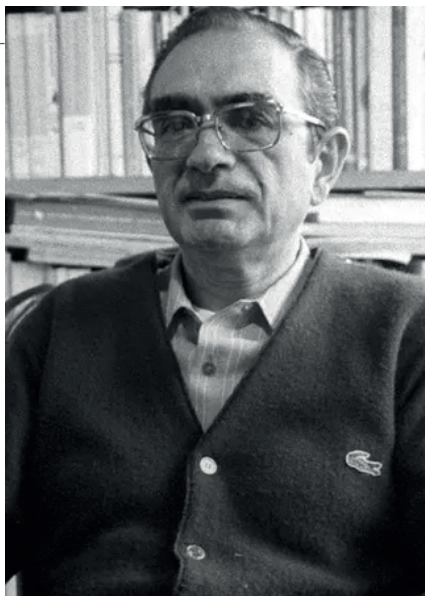
Chama atenção o vasto campo de influências intelectuais que Darcy Ribeiro sofreu ao longo de sua vida. Essa abrangência pode constituir uma pista para o tema tratado neste artigo. Sua análise sobre o processo de desenvolvimento étnico-cultural e socioeconômico do Brasil, ora mais ligada ao enaltecimento da singularidade cultural, ora mais relacionada à reflexão sobre as mazelas da exclusão socioeconômica, pode remeter a períodos em que ele esteve mais ou menos próximo dos espectros ideológicos supracitados.

Discutiremos nas seções seguintes deste artigo as duas abordagens que aparecem na interpretação de Darcy Ribeiro sobre nosso processo de formação social, como cada qual é traduzido e analisado pelo autor e como, em nossa interpretação, assim como não é possível separar o Darcy analista do militante, são igualmente inseparáveis na interpretação de Darcy suas duas dimensões analíticas sobre o Brasil.

<https://bonifacio.net.br/>

Gilberto Freyre (1900-1987), sociólogo pernambucano

Arquivo



Florestan Fernandes (1920-1995), sociólogo paulista

3. PERCEÇÃO DUALISTA SOBRE A FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA

Das contribuições trazidas pelo autor para a compreensão de nosso processo histórico de formação nacional, podemos destacar, sobretudo em seus livros *O Brasil como problema* e *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, escritos na última década de vida, em uma espécie de “síntese” de sua reflexão, a compreensão da formação e desenvolvimento da sociedade brasileira a partir de uma dicotomia fundamental: de um lado, formaríamos um complexo cultural a partir da influência mútua dos indígenas — desindianizados —, dos negros — sequestrados de sua terra e aqui escravizados — e dos europeus — deserdados —, que aqui teriam formado, a partir dessas origens distintas, uma sociedade nova, singular e extraordinária.

Por outro lado, nossa formação político-econômica, segundo o autor, foi igualmente capaz de criar também, desde o momento inicial da colonização, um significativo e intransponível abismo econômico e social entre uma pequena elite e o restante da população. Essa elite, para manter e sustentar tal abismo, lançou mão dos recursos mais violentos para desumanizar os fragilizados social e economicamente, a fim de mantê-los permanentemente em condição subalterna.

De acordo com Ribeiro (1995), a elite é constituída por *um corpo seletivo de pessoas* que exercem maior influência na organização e condução da sociedade. Esse corpo singular é formado por dois grupos principais: o patronato, que tem seu poder na propriedade de capitais, e o patriarcado, formado pelos que têm proeminência cultural e política, como os altos funcionários da burocracia estatal, tecnocratas e administradores.

Bomeny (2001) observa como na leitura de Darcy há uma tendência, carregada de esforço intelectual e militante, em observar o Brasil, que nutre a esperança de um dia livrar-se de uma elite que, em sua percepção, seria fria e insensível para com o conjunto da população, a qual não teria sido capaz de perceber os prejuízos sociais e civilizatórios de uma

Após o retorno do exílio, no início da década de 1980, Darcy Ribeiro (ao centro) estreita suas ligações com Leonel Brizola (dir.), fortalecendo sua relação com o trabalho; na foto, com Jandira Feghali, no Sambódromo do Rio em 1983



experiência de escravização prolongada e da não inclusão dos “filhos renegados” como um problema incontornável para o seu desenvolvimento ulterior.

O processo de formação social do Brasil, classificado por Darcy Ribeiro como “dores do parto”¹, obedece desde a fundação do país a uma “lógica dualista”, sem a qual não é possível compreender nossa sociedade: por um lado, um todo cultural, por “linhas tortas” plasmado e gestado de forma única, com singularidades e potencialidades promissoras, e, por outro, uma sociedade caracterizada pelo profundo abismo socioeconômico e a desigualdade que tornam os integrantes de estratos subalternos estrangeiros dentro de seu país, tamanho o grau de exclusão social.

A seguir, explicaremos como essas duas dimensões do processo de desenvolvimento histórico e social brasileiro se manifestam na percepção de Darcy Ribeiro, descrevendo o empreendimento engenhoso e complexo da formação de um “povo novo” e integrado a partir de origens distintas e opostas, por um lado, e da arqueologia da desigualdade e desumanização dos subalternos por parte de uma elite egoísta e destituída de projeto de desenvolvimento nacional, por outro.

4. CIVILIZAÇÃO BRASILEIRA: UM “POVO NOVO”

Bomeny (2009) observa como, no contexto do debate intelectual sobre o processo de formação cultural do povo brasileiro, destacam-se duas categorias de análise geralmente adotadas por nossos intérpretes: o americanismo e o iberismo. Nesse sentido, lembramos aqui brevemente a perspectiva do iberismo, que na tradição do pensamento social traduziu-se em duas correntes com percepções antagônicas sobre nossa realidade.

¹ Referência feita por Darcy Ribeiro, em seu livro *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, ao processo de formação do povo brasileiro, sobretudo os indígenas sequestrados de sua terra e de seu modo de vida, assim como os africanos desterritorializados e escravizados aqui. E, em certa medida, também os europeus que, marginalizados em sua terra natal, vieram para o Brasil como uma espécie de aventureiros.

No campo do iberismo, temos, por um lado, uma perspectiva que salienta os aspectos que nos diferenciam dos países centrais desenvolvidos, percebendo nossa formação pelo prisma da ausência, da incompletude. Essa concepção foi entre nós amplamente difundida, sobretudo por Sérgio Buarque de Holanda, que em sua obra principal, *Raízes do Brasil*, nos caracterizou com o conceito de *homem cordial*, o indivíduo mais próximo da passionalidade e mais distante de uma racionalidade que, em sua concepção, se encontraria mais facilmente nos países desenvolvidos.

Por outro lado, destaca-se também a segunda tradição do iberismo, que enfatiza um olhar otimista sobre nosso processo de formação social. De acordo com Bomeny (2009), nessa vertente encontra-se a reflexão de Darcy Ribeiro sobre o Brasil, já devidamente influenciado pelas leituras de Gilberto Freyre. O Brasil de Darcy Ribeiro, do ponto de vista de nosso processo histórico de formação cultural e social, é um Brasil animado pela promessa do desenvolvimento de uma civilização singular e destacada positivamente enquanto uma potencialidade cultural.

Uma das percepções que ganham destaque na análise da formação étnico-cultural é aquela que concebe o Brasil como resultante de encontros que, apesar de involuntários e/ou trágicos, teriam resultado em um novo arranjo sociocultural. É nessa chave de compreensão que os escritos de Darcy se aproximam daqueles desenvolvidos por Freyre.

Dessa forma, uma influência intelectual na construção da concepção de história e de sociedade de Darcy Ribeiro foi Gilberto Freyre, que ostenta em sua biografia grandes contribuições e polêmicas. Como salienta Melo (2009), *Casa-grande & senzala*, de Freyre, foi ora reverenciada como obra inovadora, que apresentava genuinamente o Brasil, ora denunciada como exposição reacionária e romantizadora de nossas mazelas.

Como um dos primeiros a desenvolver uma teoria sobre a formação social do Brasil, Freyre ocupa um lugar importante na análise histórica e na compreensão da miscigenação como fator de destaque, confrontando e superando ideias firmadas nas teorias raciais, que eram hegemônicas na ciência até então. Em uma de suas principais obras, *O povo brasileiro: a formação e o sentido do Brasil*, Darcy Ribeiro traz uma pista fundamental a respeito de sua percepção sobre a constituição da formação social brasileira.

Ao lado de importantes intérpretes do Brasil, como Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, Darcy Ribeiro, no escopo dessa mesma tradição do iberismo, ancorado em uma percepção otimista, busca desenvolver uma teoria sobre a formação do povo brasileiro e a forma pela qual as características dessa formação se refletem na nossa sociabilidade atualmente.

A especificidade de Darcy Ribeiro em relação aos autores supracitados consiste em seu esforço por ser percebido ao mesmo tempo como intelectual e militante, não ficando claros em sua trajetória pública os limites dos diferentes papéis incorporados pelo autor. Segundo Vanali (2017, p. 43), em Darcy se observa

um intelectual pensando o país, seja atuando em academias e institutos, seja na universidade, em partidos ou inserido no aparelho de Estado. Ele buscou se inscrever na esfera pública, formulando e disputando projetos sobre o futuro da nação, desempenhando papel de destaque no processo da modernização brasileira.

Freyre (2006), na década de 1930, foi o primeiro autor a enaltecer a miscigenação como fator positivo, percebendo nossa formação social enquanto resultante de um complexo

equilíbrio de tensões. No mesmo contexto, Holanda (1995) analisou o brasileiro como fruto das contradições originárias do próprio colonizador ibérico em geral e português especificamente, traduzida no conceito de *homem cordial*².

Tal como as tradições fundadoras da teoria social sobre o Brasil, de Gilberto Freyre e Sérgio Buarque de Holanda, a contribuição trazida por Darcy Ribeiro para compreender nossa formação social se encontra na postulação de que constituímos, antes de mais nada, um “povo novo”, uma nova etnia, que unificou no plano da língua e dos costumes os índios destituídos de sua formação social original, os negros sequestrados da África e os europeus que para cá migraram, surgindo assim o brasileiro a partir da negação de cada um dos povos formadores (RIBEIRO, 2006, p.27).

Ribeiro (2006) observa como, nas primeiras décadas do século XVI, após a chegada dos portugueses ao litoral brasileiro, já era possível constatar o desenvolvimento de uma espécie de protocélula étnica que se diferenciava tanto do português quanto do indígena. E essa característica de etnia nova, inédita, ainda embrionária, segundo o autor, iria se difundir pelo território e pela cultura do povo em formação, modelando indelevelmente nossa vida social e cultural.

Diferentemente de outros países cujos povos foram formados a partir da sobreposição ou justaposição de colonizadores e colonizados, o Brasil — pelo menos no plano biológico e cultural — teria desenvolvido, segundo Darcy Ribeiro, uma miscigenação entre europeus, africanos e ameríndios, de forma que todos os brasileiros teriam consigo tais raízes:

No Brasil, de índios e negros, a obra colonial de Portugal foi também radical. Seu produto verdadeiro não foram os ouros afanosamente buscados e achados, nem as mercadorias produzidas e exportadas. Nem mesmo o que tantas riquezas permitiram erguer no Velho Mundo. Seu produto real foi um povo-nação, aqui plasmado principalmente pela mestiçagem que se multiplica prodigiosamente como uma morena humanidade em flor, à espera de seu destino (RIBEIRO, 2006, p. 62).

Para Darcy Ribeiro, diferentemente dos territórios colonizados pelos nórdicos ou saxões — no processo de expansão marítima e colonização que fazia das colônias simples extensão de seus territórios, pondo lado a lado colonizadores e colonizados —, nas terras brasileiras, desenvolvidas a partir da colonização portuguesa, mais do que simples extensão territorial ou entreposto para extração de recursos naturais (ainda que esse fosse o objetivo principal), se desenvolveu um tipo novo de gente, que já não se enquadraria nem como colonizadora nem como colonizada em estado puro. Como efeito não percebido, criou-se uma nova civilização, caracterizada por singularidades tão peculiares que nos tornam únicos (RIBEIRO, 2006, p. 66).

Ribeiro (1995) afirma em outra reflexão que, no processo inicial de desenvolvimento, ainda no contexto colonial, jamais existiu a possibilidade de manutenção da identidade original dos povos que aqui se encontravam. Os indígenas que aqui estavam e os negros para

² Conceito desenvolvido por Sérgio Buarque de Holanda em *Raízes do Brasil*, para designar uma característica da formação social do Brasil que, segundo o autor, consistiria na dificuldade de separação entre o espaço público e o privado. Assim, o homem cordial tipificaria parte significativa do inconsciente coletivo brasileiro, que tenderia a perceber o espaço público como uma simples extensão do privado, trazendo para o espaço público vícios que nos afastariam do desenvolvimento. Tendo repulsa pela polidez, pelo tratamento impessoal de forma prolongada, o homem cordial brasileiro se traduz no tipo de indivíduo que vê o mundo e age no espaço público mais com a emoção, com paixões, e menos com a racionalidade e impessoalidade que, na visão de Sérgio Buarque, constituem as características das sociedades desenvolvidas.

Se por um lado a identidade cultural, nova, única e complexa, é destacada por Darcy Ribeiro como um aspecto marcante de nossa formação sociocultural, por outro é também evidenciada pelo autor a gestação de uma sociedade marcada por profunda e acentuada desigualdade socioeconômica, que se torna uma marca indelével da formação social brasileira

cá trazidos sofreram com a radical transfiguração de seu modo de vida. Nem mesmo o europeu para cá trazido teria escapado desse “sequestro” de sua identidade originária. Esse fator, segundo o autor, nos levou forçosamente a criar uma civilização nova a partir do “enterro” e da negação original dos grupos que aqui se encontravam.

Para o autor, culturalmente fomos capazes de desenvolver um povo novo e único, diferente de qualquer outra formação sociocultural até então existente, a partir da contribuição dos migrantes europeus desterritorializados, dos negros sequestrados e escravizados e dos indígenas desindianizados.

Diferente de qualquer outra experiência de colonização europeia fora de seu continente, a formação do povo brasileiro se constituiu a partir de elementos inéditos, em que se plasmaram povos de origens diferentes singularmente. Para Darcy Ribeiro, nosso caso no mundo é novo

porque surge como uma etnia nacional, diferenciada culturalmente de suas matrizes formadoras, fortemente mestiçada, dinamizada por uma cultura sincrética e singularizada pela redefinição de traços culturais delas oriundos. Também novo porque se vê a si mesmo e é visto como uma gente nova, um novo gênero humano diferente de quantos existam. *Povo novo*, ainda, porque é um novo modelo de estruturação societária, que inaugura uma forma singular de organização socioeconômica, fundada num tipo renovado de escravismo e numa servidão continuada ao mercado mundial (RIBEIRO, 2006, p. 17).

Em outro momento o autor reafirma sua compreensão sobre nossa origem, constituição e especificidade enquanto povo singular que se forma a partir desse encontro de gente descaracterizada das três matrizes:

Somos, apesar de toda essa romanidade, um povo novo, vale dizer, um gênero singular de gente marcada por nossas matrizes, mas diferente de todas, sem caminho de retorno a qualquer delas. Esta singularidade nos condena a nos investigarmos a nós mesmos, uma vez que já não somos indígenas, nem transplantes ultramarinos de Portugal ou da África (RIBEIRO, 1995, p. 12).

De acordo com Ribeiro (2006), no Brasil, culturalmente falando, fomos efetivamente capazes de formar um povo singular, menos por um plano teoricamente deliberado e mais por um acidente histórico cultural que foi desenvolvendo a composição do povo brasileiro.

É necessário, entretanto, salientar algumas diferenças, mesmo num contexto de semelhanças. Se por um lado Ribeiro se aproxima de Freyre pelo fato de este último, no pensamento social brasileiro, realizar uma leitura da formação cultural brasileira enfatizando a miscigenação como elemento central da formação social brasileira, por outro há diferenças fundamentais na forma como esses autores percebem a efetivação da miscigenação.

Como observa Melo (2009), o próprio Darcy Ribeiro percebe essa ambiguidade em Freyre, quando, no prefácio de *Casa-grande & senzala* que escreve para a edição venezuelana de 1979, reconhece em sua obra um caráter tanto altamente elucidador da cultura brasileira, dos melhores trabalhos realizados até então, quanto de senhor fazendeiro reacionário.

Enquanto a análise de Gilberto Freyre, por conta da ambiguidade que ele trazia em sua própria biografia, flertava com a mitigação, quase negligenciando as mazelas de uma sociedade escravocrata e, por consequência, as desigualdades e violências inerentes a esse processo, tratando com certa naturalidade essas contradições, Ribeiro (2006) destacou tais mazelas, situando-as como elementos igualmente centrais para compreender nossa sociedade até hoje.

Ribeiro (2006), ao comentar a assombrosa aceitação da concepção de “democracia racial”³, resultante da leitura e compreensão do Brasil realizada por Gilberto Freyre, por décadas difundida e aceita na esfera pública brasileira, concluiu que ela não fora até aquele momento suficiente para promover a transformação do país, mas, ao contrário, contribuiu para a permanência dos abismos e desigualdades sociais:

O espantoso é que os brasileiros, orgulhosos de sua tão proclamada como falsa “democracia racial”, raramente percebem os profundos abismos que aqui separam os estratos sociais. O mais grave é que esse abismo não conduz a conflitos tendentes a transpô-lo, porque se cristalizam num *modus vivendi* que aparta os ricos dos pobres, como se fossem castas e guetos. Os privilegiados simplesmente se isolam numa barreira de indiferença para com a sina dos pobres, cuja miséria repugnante procuram ignorar ou ocultar numa espécie de miopia social, que perpetua a alternidade (RIBEIRO, 2006, p. 21-22).

O elemento do abismo social e econômico não apenas aparece na obra de Darcy Ribeiro como questão estrutural e fundadora do Brasil, mas também figura como elemento

3 Conceito utilizado para sugerir a ausência ou minorar a ocorrência do racismo estrutural no Brasil. Esse conceito foi associado ao pensamento e à obra de Gilberto Freyre, que, ao analisar a formação social do Brasil, argumentava, sobretudo em *Casa-grande & senzala*, que, a despeito da instituição da escravidão, as relações entre negros e brancos teriam sido menos beligerantes do que em outras sociedades, como a estadunidense, por exemplo, percebendo a escravidão no Brasil como dotada de uma natureza diferencial, mais maleável. Em que pese o fato de Freyre nunca ter dito ou escrito textualmente tal afirmação, atribuiu-se a ele a sistematização da ideia da existência de uma democracia racial (MOURA E SILVA, 2015). Em seu esforço intelectual de criticar o racismo científico do século XIX, que percebia a miscigenação como um fator negativo, Freyre, ao enfatizar como aspecto positivo da cultura brasileira nossa miscigenação, acabou por criar uma imagem idílica do Brasil colonial e da sociedade escravocrata. Essa percepção sugestiva de Freyre, de que no Brasil, pela ausência de guerras declaradas entre brancos e negros (ao contrário de países como Estados Unidos ou África do Sul), existiria uma integração maior, levou ao desenvolvimento do chamado “mito da democracia racial”, que por décadas constituiu a percepção hegemônica sobre as relações raciais no Brasil.



Escravos numa fazenda de café no Brasil, c. 1885

central para compreender por que, na sua concepção, todas as demais esferas da vida social que teriam capacidade de promover mudanças estruturais acabam por não realizar plenamente suas potencialidades.

Na próxima seção, destacamos mais detalhadamente como, na visão de Darcy Ribeiro, junto com a inédita formação étnico-cultural, se desenvolve ao mesmo tempo um abismo socioeconômico entre as classes sociais formadoras da sociedade brasileira.

5. FORMAÇÃO SOCIAL BRASILEIRA E DESIGUALDADE

Se por um lado a identidade cultural, nova, única e complexa, é destacada por Darcy Ribeiro como um aspecto marcante de nossa formação sociocultural, por outro é também evidenciada pelo autor a gestação de uma sociedade marcada por profunda e acentuada desigualdade socioeconômica, que se torna uma marca indelével da formação social brasileira.

O caráter inédito de nossa formação social se mostrou por vezes a única opção possível aos que aqui se viram a partir do século XVI. Sem outra opção, indígenas destituídos de suas terras, negros destituídos de suas terras e do próprio direito de ser donos de si e europeus que aqui chegavam como aventureiros criaram, no contexto de imensa violência e abandono, uma civilização inédita:

Alcançam-se, assim, paradoxalmente, condições ideais para a transfiguração étnica pela desindianização forçada dos índios e pela desafricanização do negro, que, despojados de sua identidade, se veem condenados a inventar uma nova etnicidade englobadora de todos eles. Assim é que se foi fundindo uma crescente massa humana que perdera a cara: eram ex-índios desindianizados, e sobretudo mestiços, mulheres negras e índias, muitíssimas, com uns pouquíssimos brancos europeus que nela se multiplicaram prodigiosamente (RIBEIRO, 2006, p. 404-405).

Assim, junto com uma complexa unidade cultural, teríamos desenvolvido também um dos mais sofisticados e intransponíveis abismos sociais e econômicos entre pessoas que, apesar de uma interação fisicamente tão próxima, se viam separadas por um abismo socioeconômico.

Dessa forma, para Darcy, assim como seria impossível compreender o Brasil sem levar em consideração sua unidade cultural singular, da mesma forma seria inconcebível pensar em qualquer assunto de relevância coletiva sem considerar nossa distância social entre ricos e pobres, fundamentada numa desigualdade que alcança proporção e naturalização raramente percebida em outras sociedades.

Subjacente à uniformidade cultural brasileira, esconde-se uma profunda distância social, gerada pelo tipo de estratificação que o próprio processo de formação nacional produziu. O antagonismo classista que corresponde a toda estratificação social aqui se exacerba, para opor uma estreitíssima camada privilegiada ao grosso da população (RIBEIRO, 2006, p. 20).

O caso brasileiro revelou-se diferente do das sociedades que lograram sucesso no desenvolvimento de algum tipo de projeto inclusivo, considerando o conjunto de suas respectivas populações. Na interpretação da história da sociedade brasileira por Darcy Ribeiro, não existiu no Brasil qualquer projeto realmente integrador, que considerasse o conjunto de sua população. Entre nós — a despeito de algumas transformações de caráter inclusivo —, segundo o autor, permaneceu inalterada a tentativa de enriquecimento das elites às custas da exploração total, de curto prazo, da terra e do povo:

Tudo nos séculos transformou-se incessantemente, só ela, a classe dirigente, permaneceu igual a si mesma, exercendo sua interminável hegemonia. Senhorios velhos se sucedem em senhorios novos, super-homogêneos e solidários entre si, numa férrea união superarmada e a tudo predisposta para manter o povo gemendo e produzindo. Não o que querem e precisam, mas o que lhes mandam produzir, na forma que impõem, indiferentes a seu destino (RIBEIRO, 2006, p. 62).

Assim, na visão de Darcy Ribeiro sobre o desenvolvimento histórico e a relação entre Estado e sociedade, o Estado, ao ser tomado por uma elite destituída de projeto de desenvolvimento comum, sendo este concebido para poucos, limita-se a ser um “instrumento” a serviço da elite, deixando de servir ao conjunto da população.

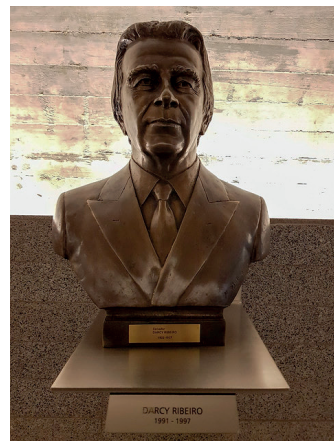
De acordo com o autor, em terras brasileiras jamais houve qualquer forma de esforço efetivo de desenvolvimento de um padrão civilizatório voltado para o conjunto da população; o que imperou, pelo contrário, foram as elites brasileiras sentindo-se ameaçadas pelo povo. Assim, o desenvolvimento da qualidade de vida de todos significaria para as elites econômicas um “perigo”, de acordo com Darcy.

Sobre essa tradição política, Ribeiro (2006) ainda observa que, mesmo após a Independência, no início do século XIX, não se configurou qualquer projeto de escolarização ou inclusão da população com caráter geral. A criação e o desenvolvimento das poucas escolas tinham como objetivo atender a demandas localizadas, voltadas para as elites, inexistindo projetos voltados à educação das massas.

De acordo com Darcy Ribeiro, a elite brasileira foi capaz de produzir o que nem as sociedades mais marcadas pela estratificação e mesmo as guerras civis conseguiram: juntar



Darcy discursa em sessão do Senado, onde exerceu o mandato de senador pelo Rio de Janeiro de 1991 até sua morte em 1997; abaixo, busto em sua homenagem em uma ala do Senado que foi batizada com seu nome



no mesmo espaço físico e cultural seres tão diferenciados e separados não apenas economicamente, mas desde o momento inicial também divididos pelo desprezo e desumanização das classes dominantes para com o restante da população:

É preciso viver num engenho, numa fazenda, num seringal, para sentir a profundidade da distância com que um patrão ou seu capataz trata os serviçais, no seu descaso pelo destino destes, como pessoas, sua insciência de que possam ter aspirações, seu desconhecimento de que estejam, eles também, investidos de uma dignidade humana [...]. Isso e mil síndromes mais — sobreviventes principalmente nas zonas rurais, mas também presentes nas cidades — indicam como foi profundo o processo de degradação do caráter do homem brasileiro da classe dominante. Ele está enfermo de desigualdade (RIBEIRO, 2006, p. 197).

Enquanto a guerra civil dividia os Estados Unidos entre o Sul e o Norte, e enquanto o regime de *apartheid* na África do Sul distinguia claramente os indivíduos atribuindo-lhes estratos sociais claramente demarcados, inclusive nos espaços físicos, no Brasil um escravo urbano podia ser o servo doméstico de uma família católica, convivendo diariamente no mesmo espaço físico, entretanto separado por um enorme abismo social e econômico que confrontava, de um lado, “gente”, e do outro, “não gente”.

Para Darcy Ribeiro, as relações econômicas e sociais desenvolvem-se em um arranjo que produz um povo-nação surgindo da

concentração de uma força de trabalho escrava, recrutada para servir a propósitos mercantis alheios a ela, através de processos tão violentos de ordenação e repressão que constituíram, de fato, um continuado genocídio e um etnocídio implacável. Nessas con-

dições, exacerba-se o distanciamento social entre as classes dominantes e as subordinadas e entre estas e as oprimidas, agravando as oposições para acumular, debaixo da uniformidade étnico-cultural e da unidade nacional, tensões dissociativas de caráter traumático (RIBEIRO, 2006, p. 21).

Como observado até aqui, na perspectiva do autor, essas características são fundamentais para compreender os entraves ao desenvolvimento de qualquer projeto com caráter universal, capaz de conceber um destino comum para o conjunto da sociedade brasileira, não apenas nos séculos passados, mas também nos dias atuais.

Na próxima seção, abordaremos mais detalhadamente a interpretação político-econômica de Darcy Ribeiro a respeito do Brasil, considerado uma sociedade marcada pelo abismo socioeconômico entre grupos da elite e o conjunto da população e que teria desde sempre naturalizado a desumanização e o desrespeito a direitos elementares da sua população. Aspectos que o autor julgava importantes para compreender as mazelas do Brasil contemporâneo.

6. ESCRAVIDÃO E DESUMANIZAÇÃO DOS FRAGILIZADOS

Outro elemento importante na obra de Ribeiro (2006) é a consideração da instituição da escravidão como um fenômeno nefasto, não apenas do ponto de vista humano ou histórico, mas sociológico, no sentido de que deixou uma marca na percepção social, no imaginário coletivo brasileiro, não apenas ao longo dos três séculos em que a escravização de seres humanos foi legal, mas também após a Abolição, deixando um abismo social e econômico como marca indelével de nossa sociedade.

Darcy Ribeiro, nesse aspecto, aproxima-se da percepção de outro importante sociólogo brasileiro: Florestan Fernandes — seu colega na Escola Livre de Sociologia e Política da USP —, que, assim como ele, identificou nos problemas oriundos da marginalização da maior parte da população negra no contexto imediatamente posterior à Abolição, em decorrência da exploração promovida pela elite econômica, um dos elementos do atraso de nosso desenvolvimento social e econômico.

Florestan Fernandes, em sua clássica e fundamental obra *A integração do negro na sociedade de classes*, mostrou como a opção pela marginalização do ex-escravizado e por sua não integração ao contexto do trabalho assalariado constituiu uma política deliberada do Estado e da burguesia nacional no fim do século XIX, que preferiram buscar mão de obra para o trabalho livre entre os imigrantes, abandonando assim o ex-escravo — que viu negado o seu direito de trabalhar ou estudar — à marginalização e à sua própria sorte.

Esse contexto ajuda a explicar o processo de exclusão e desigualdade que temos ainda hoje. Essa percepção empreendida por Florestan é, em boa medida, compartilhada por Darcy, que reconhece que parte significativa do desafio da integração nacional se concentra na (não) integração do negro (RIBEIRO, 2006, p. 215).

Darcy Ribeiro, em sua contribuição sobre a compreensão do processo histórico de nossa formação social, chama atenção para um elemento fundamental que origina e naturaliza a desigualdade que temos até hoje no Brasil. O autor observa como a desumanização em relação ao indígena e, sobretudo, aos negros escravizados desenvolvida no Brasil colonial torna-se cada vez mais comum e, por isso, naturalizada. Nesse sentido, Darcy observa que, desde a Colônia:

A empresa escravista, fundada na apropriação de seres humanos, através da violência mais crua e da coerção permanente, exercida através dos castigos mais atrozes, atua como uma mó desumanizadora e deculturadora de eficácia incomparável. Submetido a essa compressão, qualquer povo é desapropriado de si, deixando de ser ele próprio, primeiro, para ser ninguém ao ver-se reduzido a uma condição de bem semovente, como um animal de carga (RIBEIRO, 2006, p. 106).

Seríamos, segundo o autor, resultado de uma sociedade que conheceu, desde os primeiros anos, o descaso e a violência como únicos recursos de tratamento em relação aos mais frágeis. Descaso especialmente engendrado por uma elite incapaz de ter algum grau de empatia e projeto comum, sobretudo com os “de baixo”. Em entrevista concedida ao *Jornal do Brasil*, Darcy Ribeiro observa que o descaso e a desumanização marcam a forma pela qual as classes abastadas percebem os estratos subalternos, os escravizados no passado e os pobres atualmente, atribuindo mais valor à posse de recursos financeiros do que a pessoas:

O dono da terra [...] gosta muito mais da terra do que do filho ou da mulher [...] prefere que cortem a mão dele do que [sic] tomem uma lagoa dele. Esse apego [mais à propriedade do que a pessoas] e a brutalidade [...] é a maior herança cultural, a mais perversa do Brasil. A brutalidade para com o povo. A herança de termos sido o último país do mundo a acabar com a escravidão hedionda. É a herança da capacidade de gastar gente, de queimar gente como se [se] queimasse carvão. De queimar negro, jogar no trabalho. Depois, quando [o escravo] estava [estivesse] velho, estava ruim [estivesse em más condições de saúde], [o senhor o] deixava fugir ou largava[-o] ao seu destino. Essa capacidade de tratar pessoas como coisas, essa perversidade intrínseca, que é a capacidade de matar, de torturar. É uma perversidade intrínseca na nossa herança, na nossa classe dominante (RIBEIRO apud BOMENY, 2001, p. 28-29).

O arranjo socioeconômico criado e reproduzido pelas características de uma sociedade escravista ajuda a sedimentar na percepção de Darcy Ribeiro uma sociedade desigual, dotada de um abismo intransponível entre uma minúscula classe senhorial que se beneficia da negação dos direitos da maioria da população:

A estratificação social gerada historicamente tem também como característica a racionalidade resultante de sua montagem como negócio que a uns privilegia e enobrece, fazendo-os donos da vida, e aos demais subjugando e degrada, como objeto de enriquecimento alheio. Esse caráter intencional do empreendimento faz do Brasil, ainda hoje, menos uma sociedade do que uma feitoria, porque não estrutura a população para o preenchimento de suas condições de sobrevivência e de progresso, mas para enriquecer uma camada senhorial voltada para atender às solicitações exógenas (RIBEIRO, 2006, p. 194).

Darcy interpreta a formação histórica e social do Brasil como composta por uma elite que ignora o conjunto da população, destituído de um projeto de desenvolvimento nacional capaz de promover — ainda que de forma subalterna — a melhoria das condições de vida sobretudo dos setores historicamente marginalizados.

É notório como, na percepção de Darcy, o papel desempenhado historicamente por essa elite tem sido nocivo para o desenvolvimento nacional. Na descrição realizada pelo

autor — que também escreve como ator político —, a elite tacanha é uma das razões para a ausência de desenvolvimento econômico e social e a manutenção dos altos índices de desigualdade:

Em algumas sociedades, essas elites exercem um vivaz papel renovador, ampliando as bases de participação da cidadania na vida nacional e dos trabalhadores no seu usufruto da prosperidade econômica. Em outras, seu papel é feiamente negativo, porque consiste, essencialmente, em abraçar todo o poder e se apropriar de toda a riqueza em que possa pôr as mãos. É o nosso caso, de elites empresariais e burocráticas socialmente irresponsáveis (RIBEIRO, 1995, p. 39-40).

Para Darcy Ribeiro, tais elementos presentes na formação social brasileira se mostram importantes para compreender a posterior análise que o autor fará sobre diversos outros campos da vida social em que atuou e militou, como a proteção aos povos indígenas ou a educação no Brasil, abordando a relação dela com a exclusão social.

Sobre a exclusão que se refletia na ausência de uma educação de qualidade para as crianças oriundas de estratos sociais subalternos, o autor observa como, em uma sociedade forjada e formada sob intenso grau de exclusão da maioria da população, as instituições — inclusive a escola — têm influência significativa na manutenção de tais abismos e desigualdades, contribuindo ativa ou passivamente para sua continuidade (RIBEIRO, 1986, p. 13).

A conceituação edificada por Darcy Ribeiro para explicar a formação da sociedade brasileira comporta também o exame de uma sociedade baseada na exclusão da maior parte da população em prol de uma elite minoritária.

As instituições dos diversos campos da vida social, inclusive a educação, constituíam parte importante do processo de manutenção de tal arranjo socioeconômico, uma vez que a escola, tal como se encontrava organizada, classificada como *antipopular* pelo autor (RIBEIRO, 1986, p. 13), negaria as condições específicas da criança proveniente das classes subalternas, contribuindo assim para seu insucesso escolar e a conseqüente reprodução de sua condição de pobreza.

7. CONCLUSÃO

Darcy Ribeiro, como um dos grandes analistas da formação da sociedade brasileira, desenvolveu uma interpretação singular, que, apesar de parecer contraditória à primeira vista, quando analisada em suas duas faces, torna-se um importante instrumento para compreender as características de nossa sociedade. Sua leitura a respeito da constituição da nossa sociedade fornece uma interpretação genuína, ao passo que dá conta de analisar duas dimensões contraditórias, porém complementares, presentes na gestação e desenvolvimento da sociedade brasileira.

Na definição de Curty, Malta e Vieira (2022), Darcy Ribeiro pode ser compreendido como a expressão autêntica de um intérprete do Brasil que foi capaz de apontar as nossas singularidades de forma positiva, ainda que crítica. Superou a percepção incompleta que persistia até então e inovou no sentido que atribui ao Brasil ao mostrar que foi da negação das matrizes originais (europeia, africana e indígena), vivida historicamente pelas violências permanentes da invasão, exploração, escravização e do imperialismo, que se constituiu a

Os problemas, desafios e mazelas instigantemente expostos por Darcy Ribeiro constituem ainda hoje importantes temas os quais a sociedade brasileira necessita enfrentar caso queira buscar os avanços civilizatórios que permitiram às sociedades desenvolvidas algum grau de democratização e plano societário comum

viabilidade de um “povo novo”, capaz de realizações assombrosas por meio da transfiguração étnica, gerando uma identidade étnica englobadora de todas que o formam, ainda que demarcadas as distinções na forma de participação dos dominadores e dos dominados nesse penoso processo.

Se num primeiro momento parecem não dialogáveis entre si as duas faces descritas por Darcy Ribeiro sobre a formação sociocultural e político-econômica do Brasil, na sua análise sobre a estruturação da sociedade as duas dimensões se revelam significativas e constitutivas do edifício social brasileiro dos últimos cinco séculos.

A característica da formação social brasileira observada por Darcy Ribeiro revela como nossa origem não pode ser reduzida a explicações simplificadas ou que caibam em análises preexistentes. Nossa formação, por ser única, nova e singular, necessita ser analisada com atenção e cuidados proporcionais à sua complexidade.

Os problemas, desafios e mazelas instigantemente expostos por Darcy Ribeiro constituem ainda hoje importantes temas os quais a sociedade brasileira necessita enfrentar caso queira buscar os avanços civilizatórios que permitiram às sociedades desenvolvidas algum grau de democratização e plano societário comum. E o primeiro passo para a superação desses desafios encontra-se no reconhecimento do processo de formação social que nos trouxe até aqui.

A contribuição dos escritos de Darcy Ribeiro sobre a formação da sociedade brasileira revela-se ainda fundamental no sentido de oferecer uma interpretação que dê conta de compreender as complexidades e desafios do Brasil contemporâneo, revelando a importância singular desse intérprete de nossa sociedade.

O olhar apurado para as duas dimensões da formação da sociedade brasileira analisadas por Darcy Ribeiro possibilita que nos reconheçamos nos elementos contraditórios sobre as nossas origens, porém é uma chave central para compreender os desafios à superação

da dimensão excludente, bem como à valorização de nossas potencialidades.

* Doutorando em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (Unioeste). Professor de ensino básico, técnico e tecnológico do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná (IFPR).

** Doutora em Educação pela Universidade Federal do Paraná (UFPR). Professora associada da Unioeste. Coordenadora do Grupo de Pesquisa “História e Historiografia da Educação”.

- BOMENY, Helena. A escola no Brasil de Darcy Ribeiro. **Em Aberto**, v. 22, n. 80, p. 109-120, 2009.
- _____. **Darcy Ribeiro**: sociologia de um indisciplinado. Belo Horizonte: UFMG, 2001.
- _____. **Os intelectuais da educação**. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- CURTY, Carla; MALTA, Maria; VIEIRA, Wilson. Provocações de Darcy Ribeiro para economistas. **Reoriente**, v. 2, n. 1, p. 60-80, 2022.
- DORIGÃO, Antonio Marcos. **Darcy Ribeiro e a reforma da universidade**: autonomia, intencionalidade e desenvolvimento. 2015. Tese (Doutorado em Educação) — Universidade Estadual de Maringá, Maringá. 2015. Disponível em: <https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=2839248>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- FREYRE, Gilberto. **Casa-grande & senzala**: formação da família brasileira sob o regime da economia patriarcal. 51. ed. São Paulo: Global, 2006.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. 26. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- LOBO, Yolanda Lima. As escolas de formação e a obra do antropólogo Darcy Ribeiro: o Brasil e os brasileiros. **Reoriente**, v. 2, n. 1, p. 81-96, 2022.
- MATTOS, André Luiz Borges. **Darcy Ribeiro**: uma trajetória (1944-1982). Tese (Doutorado em Ciências Sociais) — Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007. Disponível em: <<https://repositorio.unicamp.br/acervo/detalhe/395040?guid=1666029022121&returnUrl=%2Fresultado%2Flistar%3Fguid%3D1666029022121%26quantidadePaginas%3D1%26codigoRegistro%3D395040%23395040&i=1>>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- MELO, Alfredo César. Saudosismo e crítica social em Casa-grande & senzala: a articulação de uma política da memória e de uma utopia. **Estudos Avançados**, v. 23, n. 67, p. 279-296, 2009.
- MOURA E SILVA, Matheus Lobo. Casa-grande & senzala e o mito da democracia racial. In: ENCONTRO DA ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS GRADUAÇÃO E PESQUISA EM CIÊNCIAS SOCIAIS, 39., 2015, Caxambu. **Anais...** São Paulo: Anpocs, 2015. Disponível em: <www.anpocs.com/index.php/encontros/papers/39-encontro-anual-da-anpocs/gt/gt28>. Acesso em: 8 jun. 2023.
- RIBEIRO, Darcy. **O Brasil como problema**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1995.
- _____. **O livro dos Cieps**. Rio de Janeiro: Bloch, 1986.
- _____. **O povo brasileiro**: a formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.
- SEVERINO, Antonio Joaquim. **Metodologia do trabalho científico**. 23. ed. São Paulo: Cortez, 2007.
- VANALI, Ana Christina. Sociologia do autor: biografia e trajetória de Darcy Ribeiro. **Vernáculo**, n. 40, jul.-dez, p. 41-59, 2017.